

## **Uma tentativa de aproximação continental nos pensamentos de Monteiro Lobato e de José Enrique Rodó.**

**Autora: ELISÂNGELA DA SILVA SANTOS\***

Nesta proposta temos como objetivo enfatizar a participação de Monteiro Lobato e de José Enrique Rodó como autores que pensaram em uma espécie de “integração cultural” no continente Latino-Americano. Ambos escreveram textos que apontaram para a necessidade do conhecimento recíproco entre seus países e o restante do continente, sempre apontando para a perspectiva da formação da nação, que deveria também ter em conta o restante do Continente que Brasil e Uruguai estavam localizados. Conforme Antonio Candido em *Formação da Literatura Brasileira*, a literatura produzida no Brasil e em outros países da América Latina, é marcada por um compromisso com a vida nacional no seu conjunto, por isso, “quem escreve, contribui e se inscreve num processo histórico de elaboração nacional” (CANDIDO, 2009, p. 20). Portanto, essa proximidade histórica de países localizados no mesmo continente e que compartilharam das mesmas questões fundacionais foi um dos motivos para que Monteiro Lobato e José Enrique Rodó também se voltassem para o restante da América Latina. Partindo da colocação de Angel Rama (1991), de que ao nos referirmos a problemas específicos de nossos escritores, estamos também nos referindo aos de toda a comarca (conceito cujo sentido se refere ao de território, que compreende vários povoados que guardam entre si certa identificação cultural).

A produção literária brasileira e a uruguaia não tem sido muito estudada através de comparações, continuamos pobres nos estudos que comparam áreas culturais e de contornos parecidos, além das fronteiras estatais (cf. ROCCA, 2006). Tentaremos realizar uma aproximação no que concerne à idéia de ambos os autores sobre a nossa integração continental.

O programa estético-cultural de Lobato, na maioria das vezes, se pautou numa perspectiva nacionalista, entretanto, em algumas ocasiões, especificamente, quando esteve no comando da *Revista do Brasil* (a partir de 1918), fez contato, através de

---

\* Aluna de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista/Campus de Marília. Atualmente desenvolve pesquisa a pesquisa intitulada “José Enrique Rodó e Monteiro Lobato: aproximações e diferenciações entre seus pensamentos e projetos para o Brasil e para a América Latina”, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Email: [licass20@yahoo.com.br](mailto:licass20@yahoo.com.br).

cartas, com autores do restante da América Latina e também com livrarias especializadas nas vendas de livros em espanhol. Diferentemente da atuação de Rodó, que sempre enxergou a América Latina como força indivisível resultando no fortalecimento das raças jovens e também na idéia de pátria americana e consolidadora de “um futuro glorioso” comum. No interior deste sentimento, estaria a adesão a essa força comum, cujo objetivo era oferecer aos povos uma cultura original, com anseios próprios. O povo heróico não era somente o da ação revolucionária, militar e política, mas também aquele que luta por valores de espírito e da cultura.

Em *Idéias de Jeca Tatu*, Monteiro Lobato dedicou um artigo a Manuel Galvez (1882-1962), um romancista argentino fundador, em 1916, da Cooperativa Editorial de Buenos Aires que publicou alguns títulos de Lobato no idioma castelhano. Lobato faz um elogio ao empreendimento desse autor que, segundo ele, estaria naquele momento, realizando uma obra importante para a Argentina, “predestinada a possuir uma civilização integral. Dará o que prometeu com Sarmiento” (LOBATO, In *Idéias de Jeca Tatu*, 2008, p. 201).

O contato de Lobato com o restante da América Latina, segundo Maria Paula Ribeiro (2008), tinha como objetivo se lançar no mercado editorial argentino, e também estabelecer um intercâmbio cultural, o que pode ser visto como uma forma de combater a forte influência da cultura européia, especificamente a francesa, e projetar um ideal latino-americanista.

Em carta encaminhada a Galvez em 06/01/1921 faz a seguinte afirmação: “Como nos desconhecemos, nós vizinhos sul-americanos! Como nos tiraniza e unilateraliza a fascinação européia – ou a francesa... Creia que a Argentina está sendo uma revelação esplêndida. Que genial panfleto, o “Facundo”! Como era o grande Sarmiento” (LOBATO *apud* RIBEIRO, 2008, p. 73). Continuando sua crítica ao apego do brasileiro à França, Lobato afirmou em relação aos relatos de viagem de escritores que saíam do país para conhecer o restante da produção intelectual, que só pensavam em viajar para a França, Paris era o sinônimo de viagem, quase nunca se preocupavam em conhecer os países vizinhos e escrever algo sobre eles.

Percebemos que o nacionalismo Lobatiano abriu uma brecha para a questão do integracionismo continental, tema pouco discutido por sua fortuna crítica. Lobato se

queixa da ausência de contato com os vizinhos sul-americanos e, por isso, tentava fazer uma “mediação cultural” e atuando tanto como editor quanto como autor: “A identidade de formação dos povos americanos dá à sua história literária um singular aspecto de família” (LOBATO, in *Críticas e outras notas*, 2009, p. 28).

Em suas cartas trocadas com Manuel Galvez, Lobato discutiu de modo incessante a nossa literatura e também, novamente, a admiração forçada pela França:

De Manuel Galvez podemos dizer o que se disse de Zola – que é um formidável *abatteur de besogne*. Está construindo uma obra de grandes vultos, dessas que requerem pulso forte, músculos de aço e energia moral indomável, o que é raro na América do Sul onde Rodó já observou a debilidade e o pouco fôlego dos artistas. Galvez foge a regra. Apesar de não dedicar-se exclusivamente à literatura, pois o que o meio não lhe permite especialização (que explica muita coisa no velho mundo), vai levando por diante sua formidável empresa, que é fixar em romances alentados toda a vida atual da Argentina. [...]. Apesar do título místico “El cántico” é um panorama de almas e tipos fixados com o mais flagrante relevo, em nada demerecedor de obras magistrais como “La maestra normal”, “Nacha Regules”, traduzida em várias línguas, “El mal metaphysico”, “La tragédia de un hombre fuerte” e tantos outros romances que se impuseram e são o que existe hoje na América de melhor em matéria novelística. Em tradução brasileira existe deste escritor apenas uma obra “O mal metaphysico”, que por circunstancias alheias ao valor da obra foi mal difundido. Sabemos, entretanto, que a casa de Monteiro Lobato & Cia vai dar a “Nacha Regules”, e fazemos votos para que, afinal, o grande romancista da Sul América obtenha do nosso público a Victoria que merece e que já obteve nos Estados Unidos e na Alemanha (LOBATO *apud* RIBEIRO, 2008, pp. 88-9).

Percebemos que nesta passagem Lobato se mostra inteirado em relação aos assuntos literários da América Latina, cita José Enrique Rodó e sua crítica à ausência de fôlego dos nossos artistas, e também incentiva a editoração e tradução de artistas como Galvez, e pessoalmente se empenhará no intercâmbio literário entre Argentina e Brasil. Envia a Galvez, também envolvido em editorações argentinas, seus livros, para serem traduzidos e distribuídos. Lobato tentava fugir dos circuitos de idéias dominantes que priorizavam a Europa como o grande centro irradiador de livros de literatura. Percebendo o continente Latino-Americano como um campo a ser explorado, tentou intercambiar experiências literárias e também os seus produtos literários, mais uma vez justificando seu espírito empreendedor em relação ao mercado livreiro.

Portanto, a posição de Lobato orientava sempre que transcender o ambiente e o meio palpável de forma artificial somente resultaria numa cultura incaracterística, por

ser trazida de fora. É este ponto de discordância entre Lobato e as vanguardas brasileiras que tinham o olho no futuro sem considerar o passado e os elementos fundadores da nossa arte. Por isso seu projeto artístico discutido no início do século XX se balizava na tradição como elemento fundador da individualidade nacional. Além disso, notamos que seu programa, seja na posição de crítico, editor, escritor e principalmente pensador de cultura, teve como intuito a construção de uma cultura válida ao país, por isso a escrita de forma empenhada e profundamente interessada na discussão de temas ligados à nossa formação nacional.

Para Rodó, conforme Rocca (2001), a história assumiria a forma da pátria, e a consciência coletiva identificada com uma única descendência seria a grande contribuição da literatura e a idéia de que todos pertencem ao espaço maior, o da “Magna Pátria” americana.

Yo creí siempre que en la América nuestra no era posible hablar de muchas patrias, sino de una patria grande y única; yo creí siempre que si es alta la idea de la pátria, expresión de todo lo que ha y de más hondo en la sensibilidad del hombre: amor de la tierra, poesía del recuerdo, arrobamientos de gloria, esperanzas de inmortalidad, en América, más que en ninguna otra parte, cabe, sin desnaturalizar esa idea, magnificarla, dilatarla; depurarla de lo que tiene de estrecho y negativo, y sublimarla por la própria virtud de lo que encierra de afirmativo y de fecundo: cabe levantar, sobre la patria nacional, la patria americana, y acelerar el día en que los niños de hoy, los hombres del futuro, preguntado cuál es el nombre de su pátria, no contesten con el nombre de Brasil, ni con el nombre de Chile, ni con el nombre de Méjico, porque contesten con el nombre de América (RODÓ, In *El Mirador de Prospero*, s/d, p. 167).

No momento em que Rodó escreveu Ariel, em 1900, ele temia o avanço da América do Norte sobre a América Latina. E esse avanço poderia implicar em algo utilitário, a cultura perderia seu caráter espiritual e assumiria apenas a forma de um materialismo utilitário:

Se foi possível afirmar-se que o utilitarismo é o verbo do espírito inglês, os Estados Unidos podem ser considerados como a encarnação do verbo utilitário. E o Evangelho deste verbo difunde-se por toda a parte, favorecido pelos milagres materiais do triunfo. Hispano-América já não é inteiramente classificável. Em relação a este, como uma terra de bárbaros. A poderosa federação vai realizando, entre nós,

uma espécie de conquista moral. A admiração pela sua grandeza e pela sua força é um sentimento que avança a passos largos, no espírito de nossos homens de direção, e, talvez mais ainda, no das multidões, fascinadas pela impressão dos seus êxitos. – E da admiração passa-se, por uma transição fácil, à imitação. [...]. Imita-se aquele em cuja superioridade ou prestígio se crê. – É assim que a visão de uma América deslatinizada por sua própria vontade, sem a extorsão da conquista, e regenerada pela imagem e à semelhança do protótipo do norte, flutua já sobre os sonhos de muitos sinceros interessados em nosso futuro, inspira a segurança com que se formulam a cada passo as mais sugestivas comparações e paralelos, e manifesta-se em contrastes propósitos de inovação e de reforma. Temos a nossa nordomania. É necessário opor-lhes os limites que a razão e o sentimento apontam de comum acordo (RODÓ, In *Ariel*, 19--., pp. 89-90).

Os Estados Unidos tinham a imagem do “gigante do norte”, eram vistos como uma espécie de ameaça ao desenvolvimento espiritual da América-Latina, uma vez que seu utilitarismo materialista poderia suprimir o desejo de originalidade. Em *Ariel*, Rodó realizou um diagnóstico sobre a situação cultural do continente latino e também concretizou um “projeto” de cultura. Para Angel Rama (1991), uma das mais marcantes e orgânicas concepções de uma idéia universal de cultura americana está neste texto de Rodó. Sua interpretação coroou um século de esforço de autodefinição do mundo americano que compreendeu as formulações iniciais do americanismo. Esse pensamento era contrário à pressão expansionista norteamericana, que havia multilado os territórios do México, Colômbia e Caribe. Rodó percebeu com clareza que o “coloso del norte” era um pólo de referências negativas, e que anteriormente era visto com admiração devido às suas conquistas materiais e estabilidade de suas instituições imperiais:

La América culta y europeizada, que veía sus sociedades deslocalizadas bajo el furor pragmático y la busca de lucros, percibió con lucidez que todo intento de definición de la orientación espiritual propia debía hacerse por contraste con la cultura anglojuna del norte; ella representó, para esa generación, lo que no éramos y, en el limite, lo que teníamos que negar y aun extirpar de nuestra cultura si queríamos alcanzar un modo de vida armonía con el propio pasado y la idiosincrasia americana (RAMA, 1991, p. 111).

Este teria sido o programa de Rodó, que se valeu do simbolismo emblemático de *Ariel* para aludir à índole espiritual e reflexiva da nossa cultura, valores capazes de

fundamentar um modo de ser e uma orientação espiritual oposta ao pragmatismo proveniente do norte, embalado com as ferramentas de um progresso que permitiria redefinir nosso futuro como desvirtuava a índole hispânica da nossa cultura. O século XIX é o momento em que se rompem os vínculos políticos com a Espanha, e essas eram as apropriações de cultura e modernidade, que segundo Rodó eram os modelos que intimamente nos definiam e dos quais devíamos extrair os recursos para resistir a invasão do norte: “ve a Europa en función de una América mejor inspirada en las instituciones culturales y jurídicas del Viejo Continente” (MADONADO, 1968, p. 119).

De acordo com a análise de Rocca (2001), Rodó acredita na efetiva realização da arte e do destino coletivo Latino-Americano, mas para isso, necessita de uma tradição intelectual, que se constitui lentamente, combinando as peças do passado com os projetos futuros, interpolando no novo mundo os elementos civilizatórios do Mundo Central. Ariel fala a língua das elites ilustradas, a que desterra todo o traço de “barbárie”, o que venera o idioma de Cervantes como a melhor alternativa literária:

Visto desde este ángulo, Ariel es el objeto literario que Rodó busca y no encuentra en América Latina: el sermón, el ensayo, el relato simbólico, la prosa con vuelo poético, todo aquello que en su artículo de 1909 sobre “La enseñanza de la literatura”. Llamó, a falta de una preceptiva precisa y desconfiado de las regideces de la retórica clásica, de “obras intermedias singularmente adecuadas a nuestro gusto y a nuestras necesidades espirituales”; indicando como ejemplos las de Quinet, Guyau y Renan, que “anticipan acaso las formas que tendrá preferencia en la literatura del porvenir (ROCCA, 2001, p. 67).

Tanto Rodó como Monteiro Lobato não se entusiasmaram demasiadamente com os Movimentos Modernistas de seus países. Lobato e Rodó procuraram oferecer alternativas que visaram a estabilidade cultural interna de suas nações. Segundo eles, esta estabilidade seria resultado da idéia de “tradição”, que se desdobraria em individualidade, personalidade, originalidade, pilares básicos do conceito de nacionalidade cultural postulados pelo ideário de nação destes pensamentos, e por isso temiam as inovações dos escritores modernistas, que supostamente descaracterizavam a Cultura Latino-Americana.

Os elementos tradicionais priorizados por Lobato, como o Saci, o Jeca Tatu, a paisagem natural etc, e os que Rodó também priorizou, o idioma, a poesia feita pelo

povo, a herança espanhola, podem ser lidos como uma espécie de resistência às “inovações radicais” dos modernistas, grupo que estabelecia em seus respectivos países como a nova tendência artística, cujos postulados rompiam com a arte tradicional. Lobato lançava mão do conceito de “realismo artístico” a fim de oferecer maior cientificidade ao seu discurso estético pois, para ele, a arte deveria representar a realidade como ela realmente é, sem o que chama de desvios estéticos. Rodó não foi um autor realista com o mesmo rigor lobatiano, entretanto, dizia que as literaturas só são originais quando “reflejan la expresión del carácter de sus pueblos”. Portanto, ambas reflexões estéticas ensejam o reencontro da arte com a realidade local. Podemos dizer que tanto para Lobato quanto para Rodó, o estilo era criação e não uma fórmula vinda de fora que os artistas pudessem adaptá-la e utilizá-la.

Lobato e Rodó estabeleceram os pressupostos artísticos através da crítica de arte e, como veremos, eram favoráveis à criação de um estilo próprio. Colocaram-se diante da realidade imediata de seus países pensando e atuando para a construção de seu futuro, e como intelectuais afirmaram a importância de seus pensamentos, confiando na superioridade de suas visões de mundo. Para Lobato, o verdadeiro intelectual vê e percebe as coisas que os outros não enxergam, e para Rodó a superioridade do pensador ou do artista estaria no dom da persuasão, de comover ou de se criar o belo. Estas posturas demonstram as ambições de homens que atuaram em diversas áreas do pensamento e se auto-atribuíram a notoriedade e a importância do intelectual na nação. Percebemos nestes autores obras com propósitos de reflexão sobre a nossa cultura, sobre a identidade artística e também sobre a formação de um pensamento estético que vê a arte como componente do quadro de elementos fundamentais para a formação da *pátria continental*, termo utilizado por Rodó.

Se na obra de Rodó o propósito de reflexão se fundamentou em um esquema filosófico, pois resgata autores europeus clássicos, escreve de forma indireta e retórica, a obra de Lobato pode ser caracterizada como direta, pois seu objetivo é sempre fazer a denúncia da fragilidade brasileira, por isso seu ceticismo, ao contrário do otimismo rodoniano.

Lobato e Rodó não optaram por falar e analisar através de termos estritamente literários e formais, e sim preferiram fazer uma análise da literatura e da arte a partir das necessidades culturais e da situação de dependência que seus países se encontravam,

portanto, propuseram uma literatura empenhada, cujo denominador comum era a busca da verdadeira individualidade cultural e artística.

### Referências:

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia*. São Paulo: Ed. Senac, 1997.

AZUA, Carlos Real de. *Prologo a Ariel*. Venezuela: Biblioteca Ayacucho, 1976.

BENEDETTI, Mario. *Genio y figura de Jose Enrique Rodó*. Buenos Aires: Editorial Universitária de Buenos Aires, 1996.

BENEDETTI, Mario. El intelectual y la crítica en el contexto del subdesarrollo. In *Ideas em torno de Latinoamérica*. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1986. Pp 1535-1564. Volume II.

BOLLO, Sarah. *El modernismo en el Uruguay: ensaio estilístico*. Universidad de la Republica: Division Publicaciones y ediciones. Montevideo, 1976.

CAMARGOS, Marcia. *Semana de 22: entre vaias e aplausos*. São Paulo: Boimtempo, 2002.

CAMPOS, André Luiz Vieira de. *A república do picapau amarelo: uma leitura de Monteiro Lobato*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos (1750-1880)*. Rio de Janeiro: Ed. Ouro Sobre Azul, 2007.

CHIARELLI, Tadeu. *Um Jeca nos Vernissages*. São Paulo: Edusp, 1995.

CRESPO, Regina. *Itinerários Intelectuales: Vasconcelos, Lobato y sus proyectos para la nacion*. Centro Coordinador y Difusor de Estudios Latinoamericanos: México, 2004.

\_\_\_\_\_. *Messianismos culturais: Monteiro Lobato, José Vasconcelos e seus projetos para a nação*, 1997. Tese (Doutorado em História), FFLCH, Universidade de São Paulo: São Paulo.

ERCASTY & SEGUNDO. Ambiente intelectual de “Ariel”. In JÚLIO. Silvio. José Enrique Rodó e o cinquentenário do seu livro “Ariel”. Ministério da Educação e Cultura: Brasília, 1954.

LAJOLO. *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*. Guarulhos: São Paulo: Salamandra, 2006.

LOBATO, Monteiro. *Ideias de Jeca Tatu*. São Paulo: Editora Globo, 2008.

LOBATO, Monteiro. *Críticas e outras notas*. São Paulo: Editora Globo, 2009.

LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1964. Tomo I.

LUCA, Tânia Regina de. *A revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Ed. Unesp, 1999.

MALDONADO, Edelmira Gonzalez. *El Arte del estilo em José Enrique Rodó: Analisis de El Camino de Paros*. San Juan, Puerto Rico: Edidorial Edil, 1968.

MONEGAL, Emir Rodríguez. Prefácio. In José Enrique Rodó: *Obras Completas*. Madrid: Aguilar, 1957.

RAMA, Angel. Prologo. In *Poesia: Ruben Dario*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1977. Pp. IX-LII.

RIBEIRO, Maria Paula G. *Monteiro Lobato e a Argentina: mediações culturais*, 2008, Tese de Doutorado (Doutorado em Teoria Literária). FFLCH, Universidade de São Paulo.

ROCCA, Pablo. *Enseñanza y teoria de la literatura em José Enrique Rodó*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2001.

RODÓ, José Enrique. *La America nuestra*. Compilación y prólogo de ARDAO, Artur. Habana: Casa de las Americas, 1997.

RODÓ, José Enrique. *Ariel. Motivos de Proteo*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1976.

RODÓ, José Enrique. *Ariel*. Salvador: Livraria Progresso, 19\_\_.

RUFFINELLI, Jorge. *José Enrique Rodó: critico literário*. Montevideo: Alicante, 1995.

SANTOS, Fabio Muruci dos. A querela dos heróis: liderança política e ethos americano em Oliveira Lima e José Enrique Rodó. In *Revista de História*, v. 22, n. 2. Franca, 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/his/v22n2/a05v22n2.pdf>.

SOUZA, Marcos Alves de. *Ideologia e política em José Enrique Rodó: liberalismo e jacobinismo no Uruguai (1895-1917)*, 2007, Tese de Doutorado (Doutorado em História). FHDSS, Universidade Estadual Paulista.

UREÑA, Pedro Henríquez. *Ariel*. In *Obras Completas (1899-1909)*. Santo Domingo: Universidad Nacional, 1976.

ZALDUMBIDE, Gonzalo. *Cuatro clasicos americanos: Rodó – Montalvo – Fhay Gaspar de Villarreal – P.J.B Agirre*. Madrid: Ediciones Cultura Hispânica, 1951.

SOUZA, Marcos Alves de. *Ideologia e política em José Enrique Rodó: liberalismo e jacobinismo no Uruguai (1895-1917)*, 2007, Tese de Doutorado (Doutorado em História). FHDSS, Universidade Estadual Paulista.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. Editora 34, 1997.

\_\_\_\_\_. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1992.

MALDONADO, Edelmira Gonzalez. *El Arte del estilo em José Enrique Rodó: Analisis de El Camino de Paros*. San Juan, Puerto Rico: Edidorial Edil, 1968.